

YOLANDA ARROYO PIZARRO:

EPISTEMOLOGIAS NEGRAS CARIBENHAS

10.29327/210932.9.1-6

Cristian Souza Sales
Universidade do Estado da Bahia
crissaliessouza@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0002-9377-6769>

RESUMO: Este texto investe na discussão acerca da produção epistêmica assentada por intelectuais negras caribenhas contemporâneas. Para esse estudo, seleciona um ensaio da coletânea *Tongas, palenques y quilombos: ensaios y columnas de afroresistencia* de Yolanda Arroyo Pizarro (2013). Trata-se de uma obra constituída de ensaios, conferências e entrevistas em que a autora porto-riquenha revisita o passado colonial no Caribe hispânico e, além disso, evidencia histórias de insurgências de mulheres *desde las ancestras*. Partindo dessas considerações, demonstra como outras narrativas entram em disputa com a historiografia oficial. Isso posto, o artigo argumenta que Arroyo Pizarro propõe novas articulações e construções político-epistêmicas em contraposição às epistemologias hegemônicas. Logo, a fim de buscar referenciais teóricos pertinentes à compreensão do texto dentro da possibilidade de pensar a proposição de epistemologias negras caribenhas; insurgência político-epistêmicas; insurgências negras epistêmicas; dialoga com as pensadoras Catherine Walsh (2008, 2009) e Grada Kilomba (2019).

PALAVRAS-CHAVE: Intelectuais negras caribenhas. Práxis negra intelectual. Epistemes caribenhas. Insurgências negras epistêmicas. Porto Rico

DESDE LAS ANCESTRAS: UMA INTRODUÇÃO

Homenaje a la resistencia, a la rebeldía, a la entrega amorosa, al recuerdo de la tierra para siempre perdida en medio de la nada inconmensurable, tanto como la inmensidad de la travesía oceánica no perdida, sí impuesta, sí obligada, aceptar como viaje de placer agónico, sin boleto de vuelta. (ARROYO PIZARRO, 2013, p. 108).

A partir da coletânea *Tongas, palenques y quilombos: ensaios y columnas de afroresistencia* da intelectual negra caribenha Yolanda Arroyo Pizarro (2013), o presente artigo se volta a uma produção epistêmica que definimos como epistemologias negras caribenhas. Ancorada nessa abordagem crítica, mobilizamos conceitos e outros experimentos teóricos que também chamo de insurgências negras político-epistêmicas. Para tanto, dentre os textos, escolhemos analisar o ensaio *Hablar de las ancestras: hacia una nueva literatura insurgente de la afrodescendencia*. Os escritos da coletânea resultam de participações, publicações e intervenções públicas feitas entre 2011 e 2013 e, além disso, evidenciam o projeto político-epistêmi-

co de uma práxis negra intelectual que torna visíveis histórias de insurgências de mulheres desde *las ancestras*¹.

A conferência *Hablar de las ancestras* (transformada em ensaio) foi apresentada no *Primer Foro Internacional de Afrodescendencia y descolonización de la memoria Museo de Arte Contemporáneo* de Caracas, Venezuela, em 20 de agosto de 2012, onde se inaugurou o *Foro Internacional de Afrodescendencia y Descolonización de la Memoria*. Neste evento, Arroyo Pizarro também citou a importante coletânea de contos *las Negras* (2012), a qual refaz as trajetórias de nossas ancestrais africanas Ndizi, Wanwe, Tshanwe e Jwaabi, destacando a resistência negra feminina ao escravismo colonial no Caribe Hispânico². O Caribe Hispânico é constituído de povos de três regiões: Porto Rico, Cuba, Santo Domingo (atual República Dominicana).

Em Caracas, dialogando sobre “las Ancestras afrodescendientes invisibilizadas” pela história oficial, a intelectual negra caribenha traz à tona as trajetórias de insurgência “La Negra Hipólita, la Negra Matea”, la Juana Agripina (Porto Rico), “de Nani na Jamaica e Harried nos Estados Unidos”... “y tantas otras” excluídas da história: “[...] de la travessia oceânica no perdida, sí impuesta, sí obligada, aceptar como viaje de placer agónico, sin boleto de vuelta”. (ARROYO PIZARRO, 2013, pp. 108-109).

Para abordar essa questão, interessa pensar como os *ensaios y columnas de afroresistencia* buscam conectar gêneros híbridos com seus modos distintos de enunciação como parte de uma mesma estrutura narrativa: o assentamento de outras epistemologias³. Operando uma ruptura com as formas hegemônicas de pensamento, Yolanda Arroyo Pizarro coloca em crise o modelo de uma epistemologia e racionalidade únicas, criando outros pensamentos, outras epistemologias, transformando-se em um dos postulados de resistência política de mulheres negras em diáspora.

No processo de concepção e montagem da coletânea, Arroyo Pizarro assume uma proposta de produção epistêmica assentada numa perspectiva desde *las ancestras* para reverenciar e referenciar “la resistencia, a la rebeldia” de mulheres insurretas que experimentaram diferentes mecanismos de dominação, brutalização e desumanização. (ARROYO PIZARRO, 2013, p. 108).

He experimentado el escarnio y el sufrimiento por el color de la piel y los rasgos de mis facciones. Mi ejemplo han sido esas mujeres ancestrales que se escaparon a los montes, participaron en batallas emancipadoras, lucharon contra el patriarcado y enseñaron a sus hijos a ser libres. (ARROYO PIZARRO, 2018, fonte eletrônica).

Os ensaios, entrevistas, conferências e epígrafes registram pesquisas históricas sobre o Caribe Hispânico e América Latina, assim como as aspirações, influências e inspirações

1 Por todo o texto, a palavra “as ancestrais” está grafada em itálico *las ancestras* para acompanhar/repetir um gesto epistêmico de Yolanda Arroyo Pizarro no ensaio *Por que hablar de las ancestras*. Além disso, incorporo essa gramática afro-diaspórica como parte de minha proposta teórica e crítica para assentar outros saberes circunscritos nos textos de intelectuais negras diaspóricas, assim como para provocar os vazios e silêncios da historiografia colonial nas Américas e Caribe.

2 O título da coletânea é grafado em letras minúsculas e maiúsculas: *las* (minúscula) e *Negras* (em maiúscula) para subverter a ordem de contar e narrar os fatos. *Las* é uma obra afro-diaspórica constituída de três contos: *Wanwe, Matronas e Saeta*. Nos contos, Yolanda Pizarro reúne os enredos das seguintes personagens-protagonistas: Wanwe, Ndizi (Matronas) e Tshanwe (Saeta).

3 Em minha tese de doutorado intitulada *Assentamentos de resistência: intelectuais negras do Brasil e Caribe em insurgências epistêmicas* (2020), busco tornar operatório o conceito de assentamento para ler, interpretar e traduzir a produção epistêmica e de conhecimento de mulheres negras em diáspora. Os assentamentos de resistência estão fortemente ligados à ancestralidade negro-africana e as histórias e os legados de resistência *de las ancestras*. Dessa forma, manifestam-se nas poesias, romances, contos e ensaios críticos de autoria negra.

para o assentamento do projeto intelectual de Yolanda Arroyo Pizarro. Ao mesmo tempo, são notas teórico-reflexivas acerca de sua leitura crítica de mundo, desejo de intervir na reinvenção da sociedade porto-riquenha, provocando uma desordem epistêmica absoluta e radical.

Em particular, nas palavras de Catharine Walsh (2008, p. 131), movida por esfuerzos históricos, insurgentes y trascendentales, o ensaio *Hablar de las ancestras* exercita “articulaciones y construcciones distintas que alienten un cambio radical e descolonizador” do pensamento. (p. 134). Isso posto, Yolanda Arroyo Pizarro investe “la perspectiva única del conocimiento, la que descarta la existencia y viabilidad de otras racionalidades epistémicas y otros conocimientos que no sean los de los hombres blancos europeos o europeizados”. (p. 137).

Por outro lado, Walsh (2008, p. 134) considera que essa desordem propõe “novas articulaciones, construcciones sociopolíticas e epistémicas capaces de promover mudanças radicais na configuração de produção do conhecimento de modo a “cuestionar, desafiar y enfrentar las estructuras dominantes del Estado”. De acordo com essa pensadora, “la vez construir de una consciencia” epistêmica com outras ferramentas analíticas que permitam vislumbrar “tanto a la estructuración del poder”, assim como “también a la presencia de otras lógicas y racionalidades”. (p. 135).

Em diálogo, os textos da coletânea propõem outros campos de significação e reafirmam que “la mujer ha sido invisibilizada por la historia patriarcal, más aún la mujer negra. Duplamente invisibilizada, “como negra he tenido que enfrentar el discrimen verbal y el ostracismo social”. (ARROYO PIZARRO, 2018, fonte eletrônica). As reflexões se inscrevem numa chave decolonial radicalmente poderosa chamada de “insurgencia política-epistémica” como parte “de las estrategias de acción y lucha de los movimientos ancestrales”. (WALSH, 2008, p. 131).

Assim sendo, Arroyo Pizarro assenta “los conocimientos y saberes, la memoria ancestral, con la cosmología” negro-africana caribenha. (WALSH, 2008, p. 140). A escritora porto-riquenha provoca uma reação imediata que incide numa ótica de superação da colonialidade epistemológica em oposição a uma epistemologia eurocêntrica.

Partindo de outras leituras, Grada Kilomba afirma que a palavra epistemologia deriva “do grego “episteme”, que significa conhecimento, e logos, que significa ciência, portanto, é a ciência da aquisição do conhecimento”. (KILOMBA, 2019, p. 54). Essa afirmação, afinal, “determina que questões merecem ser questionadas (temas), o modo de analisar e explicar um fenômeno (paradigmas) e como conduzir pesquisa de modo a produzir conhecimento (métodos)”. (p. 54). Nesse sentido, define não apenas o que é “conhecimento verdadeiro, mas também em quem acreditar e em quem confiar”. (p. 54).

Considerando desta forma, estabelecemos os fundamentos (temas, paradigmas e métodos) das epistemologias negras caribenhas na práxis negra intelectual insurgente de Yolanda Pizarro. Estes novos experimentos epistemológicos “não se enquadram na ordem eurocêntrica de conhecimento”. (KILOMBA, 2019, p. 53). Eles derivam de experiências, de um tempo e de um lugar específico, de vozes específicas: intelectuais negras caribenhas. Da mesma forma, são articulados a outros significados, cosmovisões e visões de mundo, “criando um novo discurso com uma nova linguagem”. (p. 58).

Segundo os filósofos africanos Didier N. Kaphagawani Jeanette G. Malherbe (2002, p. 219), a epistemologia “é um ramo da filosofia cujo foco principal é analisar e avaliar as alegações acerca do conhecimento”. Da mesma forma, “embora a epistemologia como o estudo do conhecimento seja universal”, de um ponto de vista diferente, os autores africanos consideram que “as formas de aquisição de conhecimentos variam de acordo com os contextos socioculturais em que as reivindicações de conhecimento são formuladas e articuladas”.

Em *Hablar de las ancestras*, a escritora opera outros repertórios epistêmicos que impactam fortemente a “colonialidade do poder, do saber e do ser”. (QUIJANO, 2005; MALDONADO-TORRES, 2008). Do mesmo modo, a partir de uma perspectiva negra feminina, Yolanda Arroyo Pizarro adiciona importantes elementos históricos para entender “as formas de conhecimento com um caráter decolonizador”. (MALDONADO TORRES 2016, p. 76). Em outras palavras, “de expressão criativa” e crítica, incluindo uma práxis intelectual marcada pelo aspecto étnico-racial e de gênero, busca o “desmantelamento das formas de poder” no Caribe Hispânico. (p.78).

Assim, sob esta perspectiva, da insurgência estético-política, efetivamente, ressaltamos que as epistemologias negras caribenhas contemporâneas nos ensinam como “devolver el golpe en la lucha”, (ARROYO PIZARRO, 2013, p.29). Essas epistemologias explicitam uma “guinada mais ampla, quando a ideia e a tarefa da decolonialidade do ser, do poder e do saber” aparece como tecnologias, ferramentas e marcadores analíticos. (MALDONADO-TORRES, 2016, p.88).

Consequentemente, os ensaios críticos são uma das mais marcas extraordinárias da/na produção de epistêmica de Yolanda Arroyo Pizarro. Nesses textos, emergem com muita intensidade uma práxis negra intelectual “insurgente e engajada”, assumindo como tarefa construir “percepções alternativas e práticas que deslocam discursos e poderes prevalentes”. (WEST, 1999, p. 313). Ao mesmo tempo, a partir da atitude decolonial, forjadas na relação passado-presente, essas tessituras teóricas demonstram uma posição política que envolve “erguer a voz”. Erguer a voz para desafiar políticas de dominação que nos converteram “em anônimos e mudos”. (HOOKS, 2019, p. 28).

Sendo assim, os ensaios críticos operam saberes que desmantelam o lugar da memória da escravidão, emergindo os legados da presença negro-africana nas Américas e Caribe. Dentro das especificidades, os vestígios da escravização negro-africana reapareceram e, dessa vez, de difícil aterramento em um Caribe Negro, revela-se a seletividade de uma memória e seu enquadramento por epistemologias eurocentradas.

PRÁXIS NEGRA INTELECTUAL E INSURGÊNCIAS EPISTÊMICAS⁴

[...] El tema que repito en mis libros **es el de la ancestría**. Siento que a nosotros (los puertorriqueños) nos arrebataron el derecho de sentirnos **orgullosos de los ancestros**, más que nada de nuestras antepasadas. ¿Dónde están las mujeres que me formaron? **Yo soy una mujer fuerte, pero es porque lo heredé de abuelas y tatarabuelas fuertes**. ¿Dónde está esa gente? Esa ausencia me da coraje, me mue-

⁴ Walsh (2018) chama de “insurgência político-epistêmica” para definir esses discursos.

ve a la denuncia, a querer escribir para que aquellos que padezcan esas mismas preocupaciones tengan una voz”⁵. (grifos meus)

Intelectual negra engajada, lésbica e defensora da negritude, Yolanda Pizarro acompanha as dinâmicas socio-históricas e políticas em Porto Rico. Em outros termos, a escritora articula em torno de si diferentes causas/pautas, tornando-se uma presença marcante em vários movimentos contemporâneos de insurgência negra e direitos humanos. Em particular, a ativista atua contra os discursos que pretendem “anular cosmovisões, princípios, religiosidades e sistemas de vida” das comunidades afrodescendentes, um problema enraizado pelo racismo na ilha caribenha. (WALSH, 2009, p. 15).

Poeta, romancista, romancista, professora, contista e ensaísta, Yolanda Arroyo Pizarro (Guaynabo, Porto Rico, 1970) é considerada uma das mais importantes vozes da literatura negra porto-riquenha/caribenha contemporânea. Premiada escritora, sua produção intelectual é consideravelmente extensa, uma vez que as suas obras circulam em diferentes países e línguas: Gana, México, Argentina, Panamá, Equador, Guatemala, Colômbia, Venezuela, Brasil, Chile, Bolívia, Espanha, Dinamarca, Hungria, França e Reino Unido, entre outros.

Dessa maneira, Yolanda Pizarro publicou o seu primeiro livro de contos *Origami de Letras* em 2004. Criada por seus avós, começou a escrever ainda jovem em boletins e jornais da escola, ganhou competições de desenho e ensaios. Em 1990, dirigiu uma peça chamada *¿A dónde va el amor?* (Para onde vai o amor?), baseada em seu próprio roteiro, cuja história se passava em Barrio Amelia, uma região pobre de Guaynabo (Porto Rico), onde viveu a infância. Escreveu seu primeiro romance *Los documentados*, em 2005, o qual reflete acerca da questão da migração no Caribe hispânico. Em 2007, lançou o livro de contos curtos *Ojos de Luna*.

Na lista de suas publicações, constam ainda as seguintes obras: *Historias para morderte los labios* (2009); *Cachaperismos: poesía y narrativa lesboerótica* (contos eróticos lésbicos e seleção de poemas de autoras lésbicas-2010); *Caparazones* (romance-2010); *Medialengua: moitié langue, petits poèmes et des histoires* (2010); *El coleccionista de latidos* (2005); *Hijas de la libertad* (cuentos/2015), *Yo, Makandal* (poesias/2017). Aproveitamos para destacar a coletânea intitulada *Tongas, palenques y quilombos: ensayos y columnas de afroresistencia*, e, finalmente, em 2012, *las Negras* (antologia de contos negro-diaspóricos). Além disso, a ensaísta caribenha reflete sobre questões da comunidade LGBTQIA+ e lesboafetividade etc. Dessa maneira, escreve contos e poesias afro-lésbicas, lésbicas/lesboeróticas. Com a temática LGBTQIA+, publicou livros como *Violeta* (2013) *Perseidas* (2011); *Lesbianas en Clave Caribeñas* (2013); *Transcaribeñx* (2017).

Ademais, Yolanda Arroyo Pizarro é diretora dos estudos afro-portorriquenhos la Universidad de Puerto Rico Recinto de Río Piedras e coordena *La Catedra de Mujeres Negras Ancestrales de San Germán* que pesquisa, organiza e publica alguns textos literários que destacam as lutas feministas negras e seu importante papel nas cimarrajones, tongas, palenques e quilombos.

5 Trecho de uma entrevista concedida por Yolanda Pizarro a Gabriela Ortiz Díaz Para Fundación Nacional para la Cultura Popular e publicada no blog da escritora arrativadeyolanda.blogspot.com/2015/10/entrevista-yolanda-arroyo-pizarro-para.html acessado em 9 de outubro de 2019.

La Catedra de Mujeres Negras Ancestrales é um projeto composto por pesquisadorxs, professorxs, artistas, ilustradorxs que realizam investigações históricas, organizam e editam obras literárias. As publicações têm por objetivo resgatar informações sobre o sequestro, o cativo, a luta e a resistência de *las ancestras*, assim como enfatizar a presença das mulheres negras na sociedade porto-riquenha. Desde a sua criação, o coletivo já publicou inúmeros textos entre biografias históricas, contos, poemas etc. Alguns combinam gêneros híbridos (ficção e história), nutrem-se de narrativas históricas e recriam personagens.

A partir de investigações biográficas, as histórias de mulheres negras são recuperadas e reescritas na ficção. Como resultado e para responder a uma iniciativa da UNESCO para comemorar o *Decenio Internacional of Afrodescendientes* (2015-2024), *La Catedra de Mujeres Negras Ancestrales*, publicou *Cuando se fugo Catalina* em 2017. O livro é inspirado na trajetória da escravizada Catalina, de trinta anos, cujas fontes foram localizadas no periódico *La Gaceta de Puerto Rico* (1806-1902).

Esse movimento de insurgência político-epistêmica produz epistemologias negras caribenhas, cujos saberes teórico-críticos evidenciam que “la función de la esclava en la sociedad esclavista caribeña va más allá del simple mundo doméstico y del acto lascivo del amo”. (HIDALGO DE JESÚS, 2010, p. 1). “[...] A pesar de la opresión y los abusos, estas fueron mujeres hábiles astutas, muy dispuestas para la batalla”. (ARROYO PIZARRO, 2013, p.29).

Nessas narrativas afro-diaspóricas, *las ancestras* são os sujeitos históricos com suas dores, corpos estigmatizados, transgressões, insurgências ao regime colonial, assassinatos praticados e etc. Apesar de todas as agruras, elas evidenciam que lutaram por condições melhores de vida. Para isso, a autora porto-riquenha desvela outros relatos de modo a perceberem quem eles eram e o que os constituía. A seguir, escutamos a voz da personagem-protagonista Ndizi em *Matronas*:

[...] **Las mujeres éramos animadas a defendernos, a golpear, morder, arrancar.** Las cosas han cambiado desde los negros iniciaron secuestros hacia otros negros iniciaron secuestros portugueses u otros blancos para transportarnos en nao. Ahora somos instigadas a no defendernos porque le pertencemos a un amo. **El opresor tiene ese permiso, pero nos subestima.** (ARROYO, 2012, pp.84-85, grifos meus)

[...] Nós mulheres fomos estimuladas a nos defender, a bater, morder, rasgar. As coisas mudaram desde que os negros começaram a sequestrar outros negros, passavam a sequestrar portugueses ou outros brancos e nos entregavam para nos transportar no navio. Agora somos encorajadas a não nos defender porque pertencemos a um senhor. O opressor tem essa permissão, mas ele nos subestima. (tradução minha).

De acordo com Maldonado-Torres, “a partir de uma consciência decolonial, comprometida com a decolonização como projeto e orientada pela atitude decolonial”, Yolanda Arroyo Pizarro (ARROYO PIZARRO, 2016, p. 94) reúne narrativas constituídas por experiências históricas comuns entre mulheres africanas e negras das Américas e Caribe. Conforme é possível comprovar, no conto *Matronas, las ancestras* Wiwa, Agustina, Polonia (Colômbia); Fatime Cecil (Haiti); Hipólita e Matea (Venezuela); Nanny (Jamaica/ de la etnia de los Ashanti). (p. 38), entre outras, retornam para reencenar suas histórias de in-

surgência: “[...] Nós mulheres fomos estimuladas a nos defender, a bater, morder, rasgar”. (tradução minha).

Desde la Resistência: esse é o ponto de vista das epistemologias negras caribenhas, cujo assentamento se concretiza na práxis intelectual negra caribenha de Yolanda Arroyo Pizarro.

NARRATIVAS DE LAS ANCESTRAS... LA NUEVA INSURGÊNCIA

[...] Es decir, ellos eran cimarrones y cimarronas, esclavos revoltosos, esclavas revolucionarias y sediciosas que no se quedaron de brazos cruzados, como casi siempre nos lo pintan, que crearon estos lugares de asentamiento y vivienda. [...]

Hay que hablar de mis antepasadas desde único lugar ideológico y correcto: desde la Resistência. (ARROYO PIZARRO, 2013, p.33, grifos meus).

De título sugestivo, *Tongas, palenques y quilombo: ensayos y columnas de afroresistencia* (2013) reúne ensaios, conferências, um poema, bem como duas entrevistas concedidas por Yolanda Pizarro em momentos variados de sua trajetória intelectual. O poema *Carne negra*, os ensaios e as entrevistas estão submetidos ao crivo da indagação mais profunda acerca de temas ligados à presença negro-africana no Caribe e América Latina.

No livro, ainda encontramos as seguintes publicações: Poema: *carne negra*; *Sin raza, una historia de bullying en el colegio*; *Hablar de las ancestras*; *Reunidos por la Negritud*; *La creación de la ficción desde el mito del Caribe*; *De cuando Hipólita y Matea se reencontraron en Caracas e Rio das Pedras, 2013*; *Women of the Afro-Latina Diaspora*, entre outros;

Dentro desse processo, nos textos da coletânea *Tongas, palenques y quilombos: ensayos y columnas de afroresistencia*, a autora caribenha destaca sempre a resistência como uma das principais características de nossas antepassadas na luta por sua emancipação. Quanto ao título, *Palenques, tongas e maniguas* eram espaços de resistência negra feminina. Nesses levantes, nossas ancestras encarnavam a típica atitude de resistência à escravidão colonial no espaço caribenho. Eram territórios de atuação política em que se vicejava a liberdade e a emancipação dos escravizados. Nas palavras de Yolanda Pizarro (2013, pp.32-33), eram comunidades de negros “cimarrones y cimarronas, esclavos revoltosos y esclavas revolucionarias que se negaban a continuar su situación”. Assim, nossas ancestrais (homens e mulheres) poderiam “se relocalizarse en comunidade y desde allí resistir”.

Nesse compasso, a tarefa política desempenhada por intelectuais negras diaspóricas é promover a disputa no campo epistêmico para fixar um conjunto de ideias que desafiem e extrapolem tendências dominantes “que vê o resto do mundo como menor”. (CHRISTIAN, 2002, p.88). Prestar atenção ao ataque, ao jogo do outro e aos discursos eloquentes (às vezes, quanto mais eloquentes, mais racistas e sexistas). Por causa disso, precisamos “usar da força e a linguagem” para reivindicar um espaço de enunciação negro assentado. (p.89). Segundo este ponto de vista, reconhecer a potência de nossas teorias e epistemes negras, assim como repensar a crença nos estudos ocidentais como únicos donos da verdade.

Quanto à tarefa da intelectual negra caribenha, Cornel West (1999, p. 30) defende que os intelectuais negros pós-modernos precisam “estimular, proporcionar e permitir percepções alternativas e práticas que desloquem discursos e poderes prevaletentes”. Isso pode ser feito somente “por um trabalho intelectual intenso e por uma prática insurgente e engajada” para a formulação de novas propostas epistemológicas. (p.30). De forma com-

plementar e mais radical, o pensador afro-americano defende que é necessário superar o modelo branco e burguês de produção epistêmica e de conhecimento. O modelo burguês limita as (os) intelectuais negras (os) naquilo que nomeamos como insurgência negra epistêmica.

Com isso, West propõe um esforço político para elaboração de uma inteligência negra. A criação de uma *intelligentsia* é uma tarefa monumental e sedutora, porque

[...] Os intelectuais negros têm poucas escolhas: ou continuam sua letargia intelectual nas fronteiras da academia e nas subculturas letradas anônimas da comunidade negra, ou se insurgem com uma atividade criativa às margens do *mainstream*, ameaçando suas novas infra-estruturas. (WEST, 1999, p.305, grifos do autor).

Por outro lado, a superação do “estado de sítio que violenta a comunidade negra”, requer dos(as) intelectuais negros(as) uma dimensão prática teórico-crítica de seu trabalho intelectual. Nessa proposta, West considera que as técnicas fornecidas pela academia burguesa branca são insuficientes para capturar pontos de vista afrocentrados; dismantelar a colonialidade do saber/poder; assim como identificar “as formas de racismo epistêmico que fazem parte das humanidades e das ciências”. (MALDONADO-TORRES, 2016, p.75).

Da mesma forma, West também recomenda a insurgência negra como atitude e projeto, como práxis epistêmica, ética e política. Esses são “os assentamentos de resistência” (SALES, 2020) que podemos apreender das histórias e os legados de luta e resistência de *las ancestras*: dos “esclavos revoltos, escravas revolucionárias y sediciosos...”. (ARROYO PIZARRO, 2013, p. 33).

Já em *Intelectuais Negras*, bell hooks (1995), ao discorrer acerca da produção de conhecimento como um trabalho intelectual, endossa parcialmente o pensamento de Cornel West. Reconhecendo a sua importância histórica, a feminista afro-americana observa que, desde o início, os “líderes negros do século XIX” bem sabiam — “o trabalho intelectual é uma parte necessária da luta pela libertação”, sendo extremamente fundamental para “os esforços de todas as pessoas oprimidas e/ou exploradas que passariam de objeto a sujeito que descolonizariam e libertariam suas mentes”. (HOOKS, 1995, p. 466).

Frente à posição que argumenta West, com foco nas questões feministas e raciais, bell hooks (2019) assegura que, pensar como uma mulher negra, exige “erguer a voz” para empreender um impacto político significativo nas estruturas do poder/saber. Em vista disso, revelar, dismantelar e superar as políticas de dominação com os seus pressupostos racistas que aniquilam e apagam os nossos saberes; ter a audácia de se rebelar na ação e na criação de outras epistemes para desenvolver estratégias contemporâneas de cimarronaje⁶.

HABLAR DE LAS ANCESTRAS: EPISTEMES NEGRAS CARIBENHAS

[...] Las mujeres negras tomaron partido en las miles de fugas individuales y grupales que se desataron en épocas esclavistas y subsiguientes, de este lado del orbe. Jugaron roles activos y protagónicos en la mayoría de las sediciones y revueltas celebradas, en pura manifestación de rebeldía. Cansadas como estaban de la

⁶ Segundo María Cristina Navarrete, cimarronaje ou cimarronismo, era processo pelo qual os nossos antepassados e antepassadas afrontavam o sistema colonial, fugindo, rebelando-se. “Los africanos reaccionaron frente a la esclavitud, escapando del control de sus amos y formando aldeas en espacios de geografía inaccesible, fortificadas, muchas veces, con empalizadas, término del que tomaron el nombre genérico de palenques”. (NAVERRETE, 2001, p.98). Las ancestras cimarronas (quilombolas) resistiam ao regime colonial. Cimarronaje, tongas o palenques equivale a quilombo.

institución de la esclavitud y todo tipo de otras restricciones a la libertad, transgredieron, infringieron y quebrantaron el orden. (Gabriela Soyna Apud Yolanda Pizarro, 2013, p. 25)⁷.

O Caribe foi o local do primeiro encontro entre Cristóvão Colombo e o continente americano, em 1492. Constituída por diferentes ilhas, anteriormente habitadas pelas populações Tainos, Caraíba e Galibi, a região foi colonizada/explorada por diferentes povos: espanhóis, franceses, ingleses, holandeses, dinamarqueses e, posteriormente, por estadunidenses. Ao longo dos mais de três séculos de colonização, o arquipélago foi também o lugar onde aportavam os primeiros navios negreiros, trazendo ancestrais africanos sequestrados para serem depois transferidos e escravizados em diferentes locais das Américas. Portanto, as ilhas do Mar do Caribe guardam histórias de genocídio, escravidão e brutalidade física contra africanos e tainos (indígenas).

Dessa forma, Stuart Hall (2003, p. 30) concorda que o que “denominamos Caribe renasceu de dentro da violência e através dela”. Trata-se de uma região marcada pela “conquista, expropriação, genocídio, escravidão e pelo sistema de engenho”. Por outro lado, o intelectual jamaicano diz que “a cultura caribenha é essencialmente impelida por uma estética diaspórica”, marcada pela impureza, a mistura e a transformação. (HALL, 2003, p. 34).

De acordo com Hall, o Caribe se tornou um dos “cenários chave para o apogeu do imperialismo no final do século XIX”. Porém, no século XX, “a região também é marcada por duas guerras mundiais”, pelos movimentos de independência e pós-colonial. (HALL, 2003, p.35). Das várias ilhas e estados, o território experimentou movimentos pela descolonização no pós-guerra, dentro do processo de insurgências das colônias europeias na Ásia e a África⁸.

De um modo geral, o autor considera que “retrabalhar” a África na trama caribenha se converte no “elemento mais poderoso e subversivo de nossa política cultural” no século XXI. Dentro dessa narrativa, é uma oportunidade para reler e reinterpretar uma África na diáspora, cujos “sinais e os traços” estão por toda parte. Por isso, a África vive não apenas na “retenção das palavras e estruturas sintáticas africanas na língua”, mas nos ritmos, nos jeitos de ser e “falar do povo caribenho”. (HALL, 2003, p.40).

No caso da região caribenha, Porto Rico é uma ilha situada geograficamente no Caribe Hispânico. É um espaço interessante para pensar as relações raciais, assim como muitos aspectos da experiência colonial e diaspórica. A ilha caribenha não conquistou a soberania política e vive uma situação pós-colonial peculiar até 2020. Em 1898, a derrota espanhola frente aos Estados Unidos teve como um de seus principais desdobramentos o domínio norte-americano sobre suas antigas colônias (Cuba, através da Emenda Platt à Constituição; Porto Rico; Filipinas e a ilha de Guam, no Pacífico)⁹.

7 Gabriela Soyna é um pseudônimo criado por Yolanda Arroyo Pizarro em 1998. O objetivo é dialogar com os historiadores, especialmente, com os escritos de Guillermo A. Baralt em *Esclavos rebeldes. Conspiraciones y sublavaciones de esclavos em Puerto Rico (1795-1873)*. Na obra, apesar de comprovar as insurgências e as conspirações protagonizadas por homens negros, a autora questiona a ausência de informações sobre mulheres africanas e negras.

8 A Revolução Haitiana, também conhecida por Revolta de São Domingos (1791-1804), foi considerada um período de conflito brutal na colônia de Saint-Domingue, levando à eliminação da escravidão e, por conseguinte, à independência do Haiti, tornando-o a primeira república governada por pessoas de ascendência africana. O Haiti foi o segundo país americano a conquistar a independência.

9 A ilha de Cuba se tornou independente em 1902, mas esteve sob a influência dos EUA até a Revolução Cubana, em 1959.

Dividido em três argumentos, organizados de forma estratégica, *Por qué hablar de las Ancestras*, *Cómo hablar de las Ancestras* e *Desde dónde hablar de las Ancestras*, o ensaio, de Yolanda Pizarro, questiona a produção historiográfica referente à escravização colonial no Caribe; o processo de invisibilização de registros acerca das mulheres africanas na diáspora caribenha.

Como sintoma dessa ausência, Yolanda Pizarro observa que “los historiadores (as) han centrado sus investigaciones en las rebeliones realizadas por los esclavos y hombres negros”: “[...] artículos, ensayos... capítulos completos”. Quanto às nossas ancestras, “se han invisibilizado todas las gestiones realizadas por las mujeres negras”. (ARROYO PIZARRO, 2013, p. 31). Dessa forma, numa perspectiva de resgate e reparação, reivindica visibilidade histórica:

[...] de manera autodidacta, me di a la tarea de estudiar las obras: ‘*Historias al margen de la historia*’ de Nelly Vázquez Sotillo; ‘*Por la encendida calle antillana: las culturas étnicas de los africanos esclavizados que fueron traídos al Caribe en Siglo XVI*’ de Mirta I. Nieves Mejías; ‘*Esclavos Prófugos Y Cimarrones: Puerto Rico, 1770-1870*’ de Benjamin Nistal Moret; ‘*The Slave Ship: A Human History*’ de Marcus Rediker e ‘*Incidents in the Life of a Slave Girl*’ de Harriet A. Jacobs. Todo ello para poder hablar de mis propias Ancestras desde la ficción narrativa. (ARROYO PIZARRO, 2013, p.28, grifos da autora).

Em *Por qué hablar de las Ancestras*, Arroyo Pizarro explica que, dentro de sua proposta epistêmica, não utiliza o termo masculino *Ancestro*, uma vez que este se refere a “antepasado ou antecessor”. Por isso, pretende-se destacar a condição particular e específica das mulheres: “no es lo mismo que decir ‘Ancestra’, un neologismo femenino al que me amarro para narrar mis carencias y obsesiones. (ARROYO PIZARRO, 2013, p. 31, grifos da autora). Neste contexto, se sobressai um fragmento que funciona como um dos principais argumentos do ensaio de Arroyo Pizarro:

[...] Siento que Ancestra es más adecuado, llena el vacío de la historicidad y de la responsabilidad poética que me obliga a contar la vida de mis antepasadas y antecesoras, seres humanas que son las que deseo resaltar porque entiendo que ellas mismas me lo piden en un trance literario. Lo correcto, dado el machismo y racismo rampante que se vive en mi país hoy, **es hablar de mis Ancestras negras provenientes de África**. Al menos así me siento yo, con la necesidad de escudriñar y plasmar en literatura ese arrebatado mental que me alborota los sentidos hasta que pongo manos a la obra. (ARROYO PIZARRO, 2013, p.29, grifos meus).

Já no tópico II, *Cómo hablar de las Ancestras*, a intelectual negra caribenha percorre as estratégias de resistência, emancipação e as maneiras como a mulher africana escravizada buscava a sua liberdade. Baseada em fontes primárias, Arroyo Pizarro reafirma que “todo el tiempo intuí que a pesar de la opresión y los abusos, estas fueron mujeres hábiles, astutas, muy dispuestas para la batalla, muy orientadas a devolver el golpe en la lucha”. (ARROYO PIZARRO, 2013, p. 29). Ela destaca a “valentia e a coragem de las mujeres negras” mayoría en las revueltas. (p. 31).

Por sua vez, no tópico III, *Desde dónde hablar de las Ancestras*, Arroyo Pizarro ressalta que a importância dos quilombos o manigua. Estas eram comunidades de negros que fugiam, pois se negavam ao cativo. Ao contrário das informações pela história oficial e canônica, os escravizados se fugaban “de los puertos de desembarque de navios, de los

ingênicos, de las haciendas, de las minas... Eram chamados de “cimarrones y cimarronas, esclavos y esclavas revolucionarias”. Os quilombos ou manigua eram lugares de reconstituição de laços afetivos e reconexão ancestral. (ARROYO PIZARRO, 2013, pp. 32-33).

Las ancestras Wiwa, Agustina, Polonia, Hipólita, Matea, Nanny, entre outras, invisibilizadas pela historiografia oficial nas Américas e Caribe, são evocadas para reviver e reescrever suas histórias de luta e insurgência. Elas ressurgem como protagonistas em romances, contos, poemas, ensaios, artigos. *Mujeres insurrectas, cimarronas “subversivas, transcorpóreas que piedieron voz, cuerpo, armas y venganza”*. (ARROYO PIZARRO, 2013, p. 35). Elas se re-encontram, reconectam-se e reencenam narrativas com novos “actos de rebeldia”. (p. 41). Carlota era uma cimarrona de “origen Yoruba” que viveu em Cuba. (p. 39). Companheiras inseparáveis, *las ancestras* Matea (1773-1886) e Hipólita (1763-1835) também são citadas por Yolanda:

Cuando viajé a Caraca... conocí también allí la inspiradora historia de dos negras africanas importantes: la negra Hipólita y esclava Matea que fueron maestras, nodrizas, cuidadoras, cocineras y hasta soldadas en el ejército del libertador Simón Bolívar. (ARROYO PIZARRO, 2013, p. 37).

Diante de um histórico de invisibilidade e silenciamento, *Hablar de las ancestras* potencializa o resgate de conexões ancestrais e o contato entre histórias de mulheres negras diaspóricas. Por outro lado, evidencia que “el racismo histórico institucional”, assim como a existência de uma diáspora “afro-femenina de la dignidad”. (ARROYO PIZARRO, 2013, p.39).

A partir dessa percepção, enquanto intervenção política e epistêmica, citamos algumas obras literárias que explicitam as dinâmicas de exclusão das formas hegemônicas de poder e saber, porque revelam a existência de um Caribe Negro soterrado/silenciado por epistemologias eurocentradas: *Eu, Tituba: Bruxa Negra de Salem*, Maryse Condé (1997-2019); *A autobiografia de minha mãe* de Jamaica Kincaid (1996); *Rosalía la Infame* de Evelyne Trouillot (2003); *Fe en Disfraz* de Mayra Santos Febres (2009); *Cartas para a minha mãe* de Teresa Cárdenas (2010), entre outras.

Para abordar esse Caribe Negro, na coletânea de contos *las Negras* (2012), Yolanda Pizarro assenta as suas raízes epistêmicas “nos projetos insurgentes que resistem, questionam e buscam mudar padrões coloniais do ser, do saber e do poder”: (MALDONADO-TORRES, 2016, p. 78). Vejamos um dos trechos do conto intitulado *Wanwe*:

[...] La llevan al barco, en una canoa pequeña, en compañía de otras mujeres. Van atadas. Una de la mujeres tiene orejas y un pendiente de nariz. No es de la casta de Wanwe y ni siquiera. Sin que nadie lo note, de manera silenciosa, desmarra con astucia las sogas. [...] **Las otras mujeres sentadas dan alaridos.** (ARROYO PIZARRO, 2012, p. 26, grifos meus)¹⁰.

[...] Eles a levam para o barco, em uma canoa pequena, na companhia de outras mulheres. Elas estão amarradas. Uma das mulheres tem orelhas e um piercing no nariz. Ele não é da casta Wanwe e nem mesmo sabe. Sem ninguém perceber, de forma silenciosa, ela habilmente desembaraça as cordas. [...] **As outras mulheres sentadas gritam.** (Tradução minha)

¹⁰ Um dos trechos do conto *Wanwe* da coletânea *las Negras*. O fragmento relata o sequestro e o cativeiro de mulheres africanas pelo regime colonial. Ainda menina, Wanwe, personagem-protagonista, é sequestrada e embarca em um navio negreiro. O conto descreve os castigos físicos, mas, por outro lado, evidencia a resistência de *las ancestras*.

Na perspectiva da personagem-protagonista Wanwe, reescrevem-se as histórias e os legados de luta e resistência de *las ancestras*: desde o sequestro em África ao cativeiro colonial. De certa maneira, dentro e fora do campo literário, essas narrativas afro-diaspóricas produzem/gestam vários efeitos. Citamos dois: restituem a humanidade violada pela dominação colonial e o protagonismo das existências de mulheres africanas e negras.

Nessa narrativa, do campo político para o intelectual, assumindo múltiplas dimensões (crítica, teórica e a literária), as epistemologias negras caribenhas apresentam uma práxis de resistência e tentam fornecer uma contra-narrativa, as quais alteram e desmantelam os modelos fixos de produção de conhecimento. Desta forma, as intelectuais negras caribenhas expandem os espaços de emancipação/enunciação do discurso negro feminino, a “liberação e decolonização do poder, do ser e do saber”. (MALDONADO-TORRES, 2016, p.78).

Com base nestas reflexões, Mayra Santos-Febres e Yolanda Arroyo Pizarro arquitetaram novas categorias metodológicas e formas discursivas em seus textos ficcionais. Um projeto estético/ético que integra “nueva literatura insurgente de la afrodescendencia”, (p. 23), porque, em Porto Rico, há poucos textos literários que descrevem a “nuestras antepasadas” como mulheres que lutaram e resistiram ao escravismo colonial. (p. 27).

Para que isso ocorra, as escritoras porto-riquenhas suscitam uma postura radicalmente comprometida com a reescrita da história das mulheres africanas e negras na diáspora. Por isso mesmo, na tarefa de produzir conhecimento, recorrem a documentos e registros históricos; e, especialmente, aos relatos de mulheres em arquivos emudecidos para evidenciar uma guinada na forma como *las ancestras* se localizavam e se relacionavam com o mundo colonial.

Conforme Arroyo Pizarro, nossas ancestras demonstram que estavam “[...] cansadas de la institución de la esclavitud y todo tipo de otras restricciones a la libertad, transgredieron, infringieron y quebrantaron el orden”. (ARROYO PIZARRO, 2013, p. 25). Visto desta perspectiva, em Porto Rico, há relatos de la ancestra Juana Agripina que fugiu inúmeras vezes e reclamou a sua liberdade através do Síndico Procurador de Esclavos: “[...] Soy Libre, Soy Libre, Demme mi libertad”. Ainda que suas reivindicações não tenham sido atendidas, Juana continuou se rebelando e constantemente escapava. “Se cree que luego de esto fue muerta”. (p. 41).

Em *Hablar de las ancestras*, Yolanda Pizarro argumenta que as nossas ancestrais “[...] se resistieron de manera activa y respondieron frontalmente contra el sistema esclavista”, assim como a todas suas formas de opressão e dominação, utilizando-se de variadas e múltiplas estratégias. (p. 41). À medida que descreve as lutas e resistências para “obtener la libertad y por mejorar sus condiciones de vida estuvo presente aunque no se narre en la historia ni se nombre a las mujeres negras”. (p. 36), conforme destacado, “alienten un cambio radical e descolonizador” do pensamento. (WALSH, 2008, p. 134). E, para, além disso, como possibilita o protagonismo de mulheres negras, a autora caribenha se reconecta com essas existências e sensorialmente às memórias de suas mais velhas.

INSURGÊNCIAS NEGRAS EPISTÊMICAS: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

A los historiadores,
por habernos dejado fuera.
Aquí estamos de nuevo...

cuerpo presente, color vigente,
declinándonos a ser invisibles...
rehusándonos a ser borradas
(PIZARRO, 2012, p.4, grifos meus)

De um território discursivo bastante peculiar, falando *Por boca propia*, segundo a intelectual negra caribenha Mayra Santos-Febres (2010), as epistemologias negras caribenhas contemporâneas abrem “camino a la posibilidad de un nuevo horizonte teórico-crítico, uma vez que são recuperadas histórias de lutas e resistências de nossas ancestrais. (WALSH, 2008, p. 131). Para Santos-Febres, essas novas epistemologias fazem “contrapeso al tradicional rechazo y invisilización para hablar de la diferencia” no Caribe hispânico. (SANTOS-FEBRES, 2010, p. 67).

Diante desse contexto, tencionando a construção de uma proposta epistêmica que torna visíveis as narrativas de *las ancestras*, o ensaio constrói uma historiografia própria: “[...] Aquí estamos de nuevo... cuerpo presente, color vigente.... rehusándonos a ser borradas”. Esse gesto de insurgência teórico-crítico de intelectuais negras diaspóricas contribui para um repensar “de las perspectivas y paradigmas teóricas y políticas” de uma história distinta daquela que dominante. (WALSH, 2008, p. 135).

Com a tarefa política, epistêmica e criativa radicalmente delineada, as epistemologias negras caribenhas (crítica, teoria e literatura) se insurgem à colonialidade do poder, do conhecer e do ser. Sob a liderança de ativistas, feministas, escritoras e intelectuais negras diaspóricas que, a partir de suas vozes, despertam um interesse pelo conhecimento e pela pergunta crítica, elas conclamam novas formas de cimarronaje.

Nas formas contemporâneas de insurgência, estão nomes de mulheres afro-porto-riquenhas que lutam ou lutaram pela erradicação de uma sociedade racista e sexista: María Esther Ramos Rosado, Celestina Cordero, Sylvia del Villard, Victoria Espinosa, Lucecita Benítez, Ruth Fernández, Choco Orta, Ada Verdejo, Mariluz Franco, María Reinat, Mayra Santos Febres, Ana Irma Rivera Lassen, Zaira O. Rivera Casellas, María Elba Torres e Martha Mulero Vega, entre muitas outras.

No contexto atual, Yolanda Arroyo Pizarro e Mayra Santos-Febres são intelectuais negras diaspóricas que se comprometem com um projeto epistêmico, ético e político, o qual mobiliza “à enunciação de cosmologias não-ocidentais e à expressão de diferentes memórias culturais, políticas e sociais”. (MALDONADO-TORRES, 2008, p. 69). E, então, as escritoras caribenhas demonstram que as mulheres negras têm o que dizer/contribuir “acerca das estruturas, culturas, atitudes, disciplinas e métodos de estudo” que as afetam. (MALDONADO-TORRES, 2016, p. 91).

Logo, como tarefa, “por habernos dejado fuera... devolvemos el golpe en lucha” com o assentamento de outras narrativas. (ARROYO PIZARRO, 2013, p.29). Nessa concepção, as epistemologias negras caribenhas contemporâneas e insurgências negras político-epistêmicas são assentadas pela práxis negra intelectual de Yolanda Arroyo Pizarro. Deste modo, os temas, paradigmas, metodologias e epistemes utilizados se diferem dos paradigmas eurocêtricos. Ao estabelecer laços e novas formas de saber, vemos, pois, as distintas esferas do pensamento teórico-crítico, da ação e da criação nos ensaios de autoria negra. Para esse último caso, de forma ampliada, esses novos modos de saber e produzir conhecimento estão assentados também nos textos literários: poesias, contos e romances.

YOLANDA ARROYO PIZARRO: BLACK CARIBBEAN EPISTEMOLOGIES

ABSTRACT: This text invests in the discussion about the epistemic production established by contemporary black Caribbean intellectuals. For this study, select an essay from the collection *Tongas, palenques y quilombos: ensaios y columnas de afroresistencia* by Yolanda Arroyo Pizarro (2013). It is a work consisting of essays, conferences and interviews in which the Puerto Rican author revisits the colonial past in the Hispanic Caribbean and, in addition, reveals stories of women's insurgencies *desde las ancestras*. Based on these considerations, it demonstrates how other narratives come into dispute with the official historiography. That said, the article argues that Arroyo Pizarro proposes new political-epistemic articulations and constructions in opposition to hegemonic epistemologies. Therefore, in order to seek theoretical references relevant to the understanding of the text within the possibility of thinking about the proposition of black Caribbean epistemologies; political-epistemic insurgency; black epistemic insurgencies; dialogues with thinkers Catherine Walsh (2008, 2009) and Grada Kilomba (2019).

KEYWORDS: Black Caribbean intellectuals. Intellectual black praxis. Caribbean epistemes. Black epistemic insurgencies. Puerto Rico

REFERÊNCIAS

ARROYO PIZARRO, Yolanda A. Hablar de las ancestras: hacia una nueva literatura insurgente de la afrodescendencia. In: **Tongas, palenques y quilombos: ensayos y columnas de afroresistencia**. Latoya Hobbs, Porto Rico, 2013.

ARROYO PIZARRO, Yolanda A. **las Negras**. Carolina: Boreales, 2012.

ARROYO PIZARRO, Yolanda A. Sin raza, una historia de bullying en el colegio. In: **Tongas, palenques y quilombos: ensayos y columnas de afroresistencia**. Latoya Hobbs, Porto Rico, 2013.

ARROYO PIZARRO, Yolanda. Yolanda Pizarro a Gabriela Ortiz Díaz. **'Marie Calabó' primera en 'Mujeres afroboricuas'**. Disponível em <https://prpop.org/2016/09/marie-calabo-primera-en-mujeres-afroboricuas/> Acesso em: 26 de out. 2020.

ARROYO PIZARRO, Yolanda. Por qué hablar de las ancestras. **Boreales**. Disponível em <http://narrativadeyolanda.blogspot.com/2012/08/hablar-de-las-ancestras-hacia-una-nueva.html> / Acesso em: 13 de maio. 2020.

ARROYO PIZARRO, Yolanda. Yolanda Arroyo Pizarro convidou a África para presentar 'Negras, histórias de mulheres escravas porto-riquenhas. **Boreales**. Disponível em <http://narrativadeyolanda.blogspot.com/2013/02/yolanda-arroyo-pizarro-invitada-africa.html/> Acesso em: 15 de out. 2020.

ARROYO PIZARRO, Yolanda. **Um poema de Yolanda Arroyo Pizarro em português**. Tradução: Jéssica Saraiva. Disponível em <https://asminanahistoria.com/2019/08/29/um-poema-de-yolanda-arroyo-pizarro-em-portugues/> Acesso em: 13 de maio de 2019.

ARROYO PIZARRO, Yolanda. **Conheça a poesia afrolésbica de Yolanda Arroyo Pizarro**. Disponível em <https://naomekahlo.com/conheca-a-poesia-afrolesbica-de-yolanda-arroyo-pizarro/> Acesso em: 20 de out. 2020.

BADILLO, Jalil y CANTOS, Ángel López. **Puerto Rico Negro**. San Juan: Editorial Cultural, 1986.

BARALT, Guillermo A. **Esclavos rebeldes: Conspiraciones y sublevaciones de esclavos en Puerto Rico (1795-1873)**. 1a ed., Ediciones Huracán, 1982.

CASELLAS, Zaira O. Rivera. La poética de la esclavitud (silenciada) en la literatura puertorriqueña: Carmen Colón Pellot, Beatriz Berrocal, Yolanda Arroyo Pizarro y Mayra Santos-Febres. **Cincinnati Romance Review** 30. Universidad de Puerto Rico: Río Piedras, 2011, p. 99-116.

CÁRDENAS, Teresa. **Cartas a mi mamá**. La Habana: Fondo Editorial Casa de las Américas, 2005.

CHRISTIAN, Barbara. **A Disputa de Teorias**. Rev. Estud. Fem., Jan. 2002, vol.10, no.1, p.85-97.

CONDÉ, Maryse. **Eu, Tituba, feiticeira... negra de Salem**. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

- DAVIES, Carole Boyce. Mulheres caribenhas escrevem a migração e a diáspora. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 18, n. 3, p. 747-630, 2010.
- FERREIRA, Luis. **A diáspora africana na América Latina e o Caribe**. Observatório Afro-Latino, Fundação Cultural Palmares (FCP), Brasília, p. 1 - 8. Disponível em: <<http://afro-latinos.palmares.gov.br/>> Acesso em 10 de outubro de 2019.
- GILLIS, Julia. **Sus hijas le han sido arrebatadas: lenguaje, deshumanización y resistencia en las Negras de Yolanda Arroyo Pizarro**. https://creativematter.skidmore.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1000&context=peri_stu_scholar/ Acesso em: 20 de maio de 2018.
- GILROY, Paul. **O Atlântico Negro. Modernidade e dupla consciência**. São Paulo, Rio de Janeiro, Editora 34, 2001.
- GLISSANT, Édouard. **Introdução a uma poética da diversidade**. Tradução de Enilce do Carmo Albergaria Rocha. Juiz de fora: UFJF, 2005.
- GLISSANT, Édouard. **Poética da relação**. Porto: Porto editora, 2011.
- GROSSFOGUEL; Ramón. **A estrutura do conhecimento nas universidades ocidentalizadas: racismo/sexismo epistêmico e os quatro genocídios/epistemicídios do longo século XVI**. Revista Sociedade e Estado – Volume 31 Número 1 Janeiro/Abril 2016.
- HALL, Stuart. **Da Diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo horizonte: Editora UFMG, 2009.
- HIDALGO DE JESÚS, Amarilis. Mujer y esclavitud en el cuento “Saeta” de Yolanda Pizarro. Letras Hispanas: Revista de literatura y de cultura, Vol. 7, Nº. 1, 2010.
- HOOKS, Bell. **Erguer a voz: pensar como feminista, pensar como negra**. Tradução de Cátia Bocaiuva Maringolo. São Paulo: Elefante, 2019.
- HOOKS, Bell. Intelectuais negras. **Revista de Estudos feministas**, Florianópolis, v. 3, n.2, p. 464-478, ago./dez. 1995.
- KAPHAGAWANI, Didier N; MALHERBE, Jeanette G. African epistemology. In: COETZEE, Peter H.; ROUX, Abraham P.J. (eds). **The African Philosophy Reader**. New York: Routledge, 2002, p. 219-229. Tradução para uso didático por Marcos Rodrigues.
- KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano**. Rio de Janeiro: Cobogá, 2019.
- KINCAID, J. **The Autobiography of my Mother**. New York: Plume / Penguin Group, 1997.
- KLEIN, Herbert S. **Escravidão Africana na América Latina e Caribe**. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- MALDONADO-TORRES, Nelson. A topologia do Ser e a geopolítica do conhecimento. Modernidade, império e colonialidade. **Revista Crítica de Ciências Sociais**. Março 2008, 71-114.
- MALDONADO-TORRES, Nelson. Pensamiento crítico desde la sub-alteridad: los estudios étnicos como ciencias descoloniales o hacia la transformación de las humanidades y las conciencias sociales en el siglo veintiuno. **Revista Interamericana de Educación de Adultos**, vol. 28, núm. 1, enero-junio, 2006, pp. 143-165.
- MALDONADO-TORRES, Nelson. Transdisciplinaridade e Decolonialidade. **Revista Sociedade e Estado** – Volume 31 Número 1 Janeiro/Abril 2016.
- MARTÍNEZ MONTIEL, Luz Maria. **Negros en América**. Madrid: Mapfre, 1992 (Colecciones Mapfre 1492).
- MAYO SANTANA, Raúl; NEGRÓN PORTILLO, Mariano. **La esclavitud menor : la esclavitud en los municipios del interior de Puerto Rico en el siglo XIX**. Centro de Investigaciones Sociales (CIS) Universidad de Puerto Rico, Recinto de Río Piedras: Porto Rico, 2007. Disponível em

- http://biblioteca.clacso.edu.ar/Puerto_Rico/cis-uprrp/20120806105028/entero.pdf acesso em 13 de maio. 2018.
- NAVARRETE, P., María Cristina. Cimarrones y palenques en las provincias al norte del Nuevo Reino de Granada siglo XVII. **Fronteras de la Historia**, núm. 6, 2001, pp. 97-122.
- QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder e classificação social. In: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula (Orgs.). **Epistemologia do Sul**. São Paulo: Cortez, 2009. p. 84-130.
- QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, Edgardo (org). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latinoamericanas**. Buenos Aires, Colección Sur Sur, 2005a, pp.118-142
- SALES, Cristian Souza de. **Assentamentos de resistência: intelectuais negras do Brasil e Caribe em insurgências epistêmicas**. Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Literatura e Cultura. Salvador: UFBA, 2020.
- SALES, Cristian Souza de. Negras Grafias Contemporâneas: das escrituras aos Gestos Performativos. **Muiraquitã**, UFAC, v. 6, n. 2, 2018.
- SANTOS FEBRES, Mayra. Por boca propia. In: **Sobre Piel y papel: ensayos**. 2ª edición. Ediciones Callejón, 2010, p-67-71.
- SANTOS FEBRES, Mayra. Raza en la cultura puertorriqueña. In: **Sobre Piel y papel: ensayos**. 2ª edición. Ediciones Callejón, 2010, p. 132-156.
- SANTOS-FEBRES, Mayra. **Sobre Piel y papel: ensayos**. 2ª edición. Ediciones Callejón, 2010.
- SANTOS-FEBRES, Mayra. **Fe en disfraz**. Guaynabo: Alfaguara, 2009.
- SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula. (Orgs.) **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Editora Cortez. 2010.
- TROUILLOT, Évelyne. **Rosalía la Infame**. Trad. Mercedes Bustamante. Isla Negra, Chile: Ambos editores. 2016.
- WALSH, Catherine (Ed.). **Pedagogías decoloniales: prácticas insurgentes de resistir, (re)existir y (re)vivir**. In: Educação Intercultural na América Latina: entre concepções, tensões e propostas. Vera Maria Candau (Org.). Rio de Janeiro: 7letras, 2009, p. 12-39.
- WALSH, Catherine. Interculturalidade, plurinacionalidade e descolonização: as insurgências político-epistêmicas de refundar o Estado. **Tabula Rasa**, Bogotá - Colombia, n. 9. p. 131-152, jul./dez. 2008.
- WALTER, Roland. **Afro-América: diálogos literários na diáspora negra das América**. Recife: Coleção & Letras, 2009.
- WEST, Cornel. **O dilema do intelectual negro**. In: The Cornel West: reader. Basic Civitas Books, 1999.